

## Gazela<sup>1</sup>

**Beto Vianna**

Gazela é um ser da floresta. Claro, sempre se pode topar com uma gazela no zoológico (se é que você frequenta esse tipo de lugar), mas uma coisa não desdiz a outra, muito antes pelo contrário. Gazela no zoológico é gazela presa, e quem está preso, é contra a vontade. Vou rephrasear, então, se assim me faço entender melhor (já notei que x carx leitorx é deveras críticx): Gazela é um ser que deseja a floresta.

É melhor eu explicar de uma vez, antes que surjam mais mal entendidos. A Gazela de que falo aqui (note a inicial maiúscula) não é o bicho, mas uma pessoa, mulher que conheço há um par de dezenas de anos ou algo mais, e a longa data de furtivos encontros não me autoriza a tornar sua identidade pública. Não que eu vá aqui revelar seus íntimos segredos, ou haja inconfessados complicadores moral-afetivos em nosso relacionamento (você entendeu, leitorx, não se faça de sonsx). A razão muito mais mundana do codinome, é que a Gazela tem horror a exposições públicas, inclusive as fotográficas (apesar dela mesma cometer amadorismos com a câmera na mão, o que nos lembra Jesus quando acertadamente diz “não façais aos outros...” etc. etc. etc.).

De todo modo, se eu personalizei a pessoa, generalizei a gazela. Contrariamente à sabedoria popular, não há algo como “a gazela”, tal como não existe “o pinguim” (são 20 espécies) ou “o morcego” (mais de mil!). Gazela é o nome comum de um bem-sucedido grupo de bóvidos – dos gêneros *Gazella* (aqui a maiúscula é exigência da grafia taxonômica), *Eudorcas* e *Nanger* – que inclui uma quinzena de espécies atuais e outra vintena de espécies irreversivelmente extintas (sim, leitorx, já sei, extinção é para sempre), como a saudosa *Gazella saudiya*.

Devo também justificar (céus! nunca enfrentei umx leitox tão exigente!) a escolha do codinome Gazela. O primeiro nome de minha retratada traduz-se, em aramaico (língua de Jesus, aquele que disse “não façais aos outros...” etc.), justamente por “gazela”. Pronto, entreguei o ouro, contando, é claro, que x leitorx pertença a um dos seguintes três gêneros de gente: 1) xs eruditxs (mas só das seitas filológicas); 2) xs eclesiásticxs; e 3) xs usuárixs do Google.

---

<sup>1</sup> Publicado em RAMALHO, Christina; PASCALE, J. G (org.). *Gente (Crônicas)*. Rio de Janeiro: Oficina, 2015. ps. 90-92

Prossigamos juntos. Para retomar o fio, relembro que o assunto era, antes de eu me envolver nas (necessárias) explicações, justificativas, digressões, desvios, atalhos, retornos e rotatórias: a Gazela é um ser que deseja a floresta. Essa, como reza a tradição do teatro inglês, é a questão.

Quando Gazela e eu nos conhecemos, éramos demasiado jovens, ela ainda mais que eu, ela criança praticamente de colo, mal entrada nas fraldas, se você me permite o disfemismo. Em relacionamentos iniciados muito no início, o mundo se abre sempre à frente, muito mais que pratasmente, como nos ensinou Odorico Paraguaçu. O que nos leva à paradoxal situação em que o desconhecimento à primeira vista é tão fundamental, que contamina a segunda, a terceira e a enésima vistas, encontro marcado pra sempre pelo vir-a-conhecer que se bifurca em futuros concorrentes (não consigo, com o vocabulário de que disponho, precisar a filosofia por trás disso tudo; para maiores informações, favor ler, de modo invertido, “Minority report”, de Philip Dick, e “O que eu vi, o que nós veremos”, de Alberto Santos Dumont).

Há uma explicação racional (naturalista) para a contradição lógica de não se conhecer nunca o que se conhece de berço (afinal, quando indagamos se alguém “nasceu sabendo”, já temos a resposta pronta de antemão). Dizem que as gazelas, quando pequenas, não têm cheiro, o que permite ao filhote, escondido atrás do matagal, passar quase despercebido de seus predadores. Quase. O arsenal predatório não se resume nos órgãos sensoriais. O leão sabe onde está o filhote de gazela localizando o bando. A proteção é o perigo. Por isso o ato de crescer da gazela é, ao mesmo tempo, o ato de ganhar cheiro, de revelar-se enquanto presa, e a manipulação cada vez mais fina de um intrincado manual de sobrevivência na selva. O filhote, para deixar de ser filhote, deve formar sua própria rede de incompreensões mútuas.

A Gazela constituiu família, tem parceiro e ninhada, e vive na floresta, como tinha de ser. Ou como deu de ser, o que não faz tanta diferença, a se crer na lei dos futuros que se bifurcam. Amo a Gazela assim de longe, ou amo de perto, se o perto se apresenta, e amo a Gazela sem conhecer, ou conhecendo, quando o conhecer está à mão. Prefiro não escolher entre bifurcados futuros concorrentes. É como decidir sair com a bajara em hora de muito vento ou com vento nenhum, quando está muito quente, ao final da manhã: ou se enfrenta o banheiro ou o carapanã.